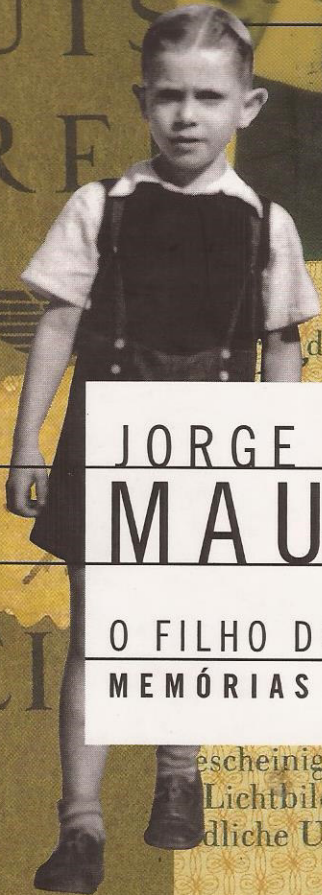
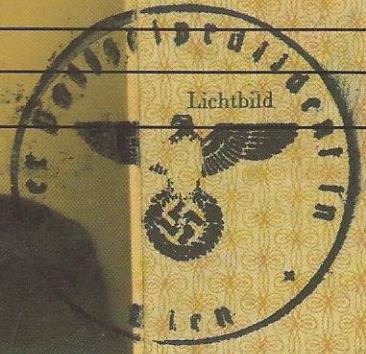


Ehefrau

DEUTS
RE



des Paßinhabers

JORGE
MAUTNER

O FILHO DO HOLOCAUSTO
MEMÓRIAS (1941 A 1958)

REI

erscheint, daß der Inhaber die durch
Lichtbild dargestellte Person ist und
die Unterschrift eigenhändig vor

Wien, den 22. SEP. 1933

Jorge Mautner

A
AGIR



CAETANO VELOSO
PREFÁCIO

A biografia de Jorge Mautner é uma instância fundamental da literatura e da arte que vem se apresentando ao mundo sob sua assinatura. Não apenas elementos autobiográficos surgem a cada linha de seus romances, contos, artigos, crônicas e canções: o que sabemos sobre sua vida, pelo acompanhamento que viemos dando a sua pessoa pública desde o lançamento de *Deus da chuva e da morte*, tem sido determinante do modo como apreciamos sua obra. Esse judeu paulista nascido no Rio — mas que não é judeu nem paulista, uma vez que sua mãe era gentia, e sua formação pessoal básica é carioca — nos tem feito pensar sobre o que é ser brasileiro, na medida mesma em que sempre pareceu um alienígena na nossa cena cultural e social. Agora, ele nos apresenta um relato cândido de sua formação. E, diante do texto, experimentamos o conforto de ver desvelados aspectos que adivinhávamos — mas muitas vezes mesclado à surpresa de

vê-los revelarem-se em tom que lhes dá outro significado que não o que já tínhamos decifrado.

O que reencontramos aqui é um discurso não diferente do discurso hiperbólico e ostensivamente redundante de suas ficções: aquele que ecoa os profetas de Israel filtrados pela cultura pop americana — ou que talvez seja a visão da cultura pop americana (cujo impulso de impor-se aconteceu exatamente quando Jorge crescia) por um espírito criado no ambiente profético do Povo Eleito. Já sabíamos que, apesar da voz grandiosa, as redundâncias, que expõem o acinte de não revisar, estão ali testificando um grande ceticismo. Mas tudo isso é tanto mais fascinante à medida que se prova ser o ceticismo oriundo do lado judeu, enquanto a desmesura mítica vem do lado gentio. Assim, o acerto de contas que toda biografia implica, aqui vem trazer um Rio de candomblé e Getúlio Vargas mitológicos, idealizados, fundido ao mais radical espírito de desconfiança, ao ceticismo mais relativizador de projetos políticos e ilusões religiosas. E as tardes cinzentas de São Paulo se transformam em fantasmagorias românticas, que são, embaladas pela música vulgar, símbolo e recusa desse ceticismo.

Eu próprio tenho dito e escrito que o Brasil precisa tornar-se o mais diferente de si mesmo para poder encontrar-se. Mautner me parece personificar essa equação. Sua ligação direta com os temas mundiais, fugindo do Brasil fechado em si mesmo que todos cultivamos; sua assintonia com a bossa nova e com a poesia concreta (neste caso mesmo ridicularizando um suposto entusiasmo demonstrado por seus inventores relativamente a uma bula de remédio, quando, a ser verídica a anedota, nada, a não ser um preconceito romântico muito ingênuo, justificaria a desqualificação do interesse literário encontrável em bulas de remédio); seu amor a sério pelo rock, precoce, mundialmente pioneiro, pré-Beatles; tudo faz dele o antibrasileiro. E no entanto o resultado final

é sempre um samba-exaltação, nascido não apenas da gratidão de vítima salva pela generosidade natural de um país-continente à deriva, mas da capacidade profunda de ver os grandes bens ocultos em nossas misérias.

Jorge Mautner, filho do Holocausto, filho do Brasil.

INTRODUÇÃO

Uma das mais profundas visões da minha vida foi aquela que vivi, e da qual me lembro com nitidez, apesar de ela estar envolta pela névoa e pela neblina da distância e da saudade, e que se deu quando eu tinha quatro anos de idade e era o ano de 1945.

Sim, era o fim da Segunda Guerra Mundial.

Eu havia adormecido na noite anterior olhando para o céu da rua Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, onde nasci, e era o quarto de um pequeno apartamento alugado, onde eu morava com meu pai e minha mãe e minha babá Lúcia, que era do candomblé. Adormeci vendo o céu de estrelas faiscando e a lua de prata. No meio de todas essas coisas faiscantes, ainda existiam luzes coloridas de fogos de artifício, rojões e seus trovões, chuvas de prata, e tudo isso com o som longínquo mas permanente de uma negra batucada.

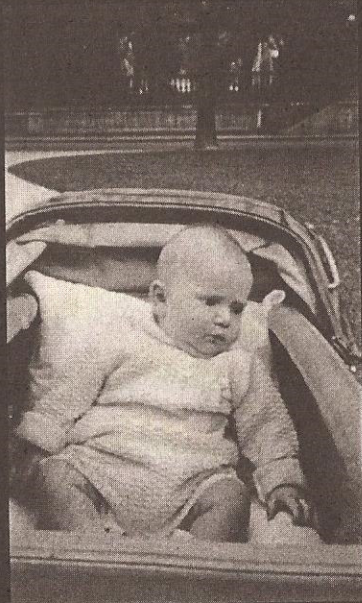
O dia seguinte amanheceu chuvoso e cinzento. Logo que Lúcia, minha babá, que era filha-de-santo do candomblé, como veremos em detalhes depois, me deu banho e me vestiu, meu pai entrou no quarto e me abraçou, em pleno sorriso de felicidade, com luz dentro de seus olhos azuis faiscando como as estrelas da noite anterior, e me disse:

— Prepare-se, meu filho, nós hoje vamos viver o dia mais glorioso e histórico do mundo! É o dia da vitória dos aliados contra os criminosos e terroristas do nazismo. Vamos primeiro logo nesta manhã ver a Marinha de Guerra do Brasil chegando à baía de Guanabara com a Marinha dos Estados Unidos, trazendo os soldados e oficiais da Força Expedicionária Brasileira, que ajudaram com atos heróicos lá no monte Castelo, na Itália, a derrotar e esmagar os demônios inferiores do nazismo. Venha cá e me dê um novo abraço apertado antes de sairmos para festejar a chegada da liberdade para todo mundo!

E assim lá fomos nós dois em direção ao mar, que, naquela época, antes da existência do aterro no Flamengo, quebrava suas ondas em pedras, que por sua vez eram encimadas por um delgado muro no qual nos debruçamos. Havia muita névoa, mas meu pai me apontava os navios de guerra ao longe e, usando um binóculo, me fazia olhar através dele e me ensinava seus nomes: *destroyer*, corveta, submarino.

Em seguida fomos para a avenida Rio Branco assistir ao desfile da volta das tropas triunfantes e gloriosas que haviam esmagado o eixo do mal dos demônios inferiores do nazi-fascismo. Eu tinha quatro anos, e durante quatro horas assisti ao desfile batendo continência o tempo todo. Eu achava que aquilo era no

mínimo a minha obrigação, e a desempenhei com imensa alegria e felicidade. Era o dia 18 de julho de 1945. Eu e meu pai chorando de alegria, e as tropas vitoriosas desfilando à nossa frente, isso habita para sempre o meu coração!



JORGE MAUTNER COM 1 ANO DE IDADE

CAPÍTULO I

Minha mãe era lindíssima e havia nascido em Viena, mas toda a sua família, de muitos irmãos, sendo ela a caçula e a única mulher — e portanto superprotegida por eles durante a infância e adolescência —, morava na Iugoslávia, especificamente na Croácia, hoje país independente, e a família de minha mãe e de meus avós por parte materna era descendente de eslavos e irlandeses. Meu pai era um judeu vienense cuja família era de lá mesmo desde a Idade Média, e o nome Mautner significa “aquele que cobrava pedágio para atravessar a ponte”. Interessante como o mundo medieval se parece com o mundo moderno e o pós-moderno!

Em 1914, meu pai, com dezoito anos, entrou como voluntário nas Forças Armadas da Áustria no início da Primeira Guerra Mundial. E foi como oficial da cavalaria austro-húngara (pois ele era excelente cavalariano e

campeão de saltos a cavalo e de natação) que conquistou por heroísmo em combate a Cruz de Ferro, honraria máxima concedida a quem, arriscando-se a desobedecer as ordens dadas pelo comando, acertasse na prática com a vitória em combate. Sempre sorrindo, meu pai me contou que as ordens eram não seguir por determinada trilha que estaria minada e cheia de inimigos de tocaia. No entanto, ele se distraiu e se esqueceu da recomendação do Estado-Maior, e, ao percorrer a trilha proibida, salvou toda a sua unidade e obteve retumbante vitória no combate logo adiante. É que, por distração, ele havia ignorado uma informação que na verdade fora uma contra-informação que conseguira enganar o Estado-Maior.

Meu pai, embora judeu de família tradicional, era um livre-pensador e ateu, adorava Charles Darwin, Heinrich Heine, Arthur Schopenhauer e Goethe. Durante toda a minha vida, meu pai foi o meu maior e mais profundo amigo e professor.

Minha mãe, além de lindíssima, era católica, mas parecia ser uma cristã dostoevskiana da Igreja Ortodoxa, tal a sua força de sedução amorosa envolvente, sua incrível capacidade de penetrar na alma dos outros, com um verbo incendiado de paixão, compaixão, liberdade e perdão do Sermão da Montanha de Jesus de Nazaré.

Em 1916, no meio da guerra, meu pai foi feito prisioneiro pelo exército da Rússia Imperial, que fazia parte dos países aliados que combatiam o Império Alemão e o Império Austro-Húngaro. Desse período meu pai recordava sempre em conversas comigo que foi muito bem tratado como oficial prisioneiro pelos russos czaristas e que ocupava seu tempo ensinando matemática e filosofia para os outros oficiais prisioneiros, além de lições de inglês e alemão para alguns oficiais russos, e muito jogo de xadrez com todos eles. O mais impressionante era o seu comentário sobre o que aconteceu em seguida. Ele me dizia:

— Sabe meu filho, logo em seguida veio a Revolução de 1917, que derrubou o czar e criou a União Soviética de Lenin e Trotski. Durante aqueles dias turbulentos, em que o comando do campo de prisioneiros de guerra mudou das mãos czaristas para as mãos dos anarquistas e depois para as mãos dos bolcheviques, o tratamento de cavalheiros para com os oficiais presos por parte das autoridades jamais mudou. O mais interessante é que, de todas as administrações do comando militar daquele campo de prisioneiros de guerra, a mais burocrática e mais rígida foi a dos anarquistas! — E depois de ele dizer isso gargalhávamos até o infinito dos tempos!

Depois de ser colocado em liberdade, meu pai, em vez de voltar para Viena e para a recém-derrotada e desmembrada Áustria Imperial, agora democrática e republicana, ficou ainda dois anos e meio na Índia e na China. Ao voltar para Viena, foi trabalhar como banqueiro, e vivia a vida da alta sociedade local quando encontrou minha mãe e casou-se com ela.

Segundo as narrativas posteriores contadas para mim, esse foi o período mais dourado e feliz da vida de meu pai e minha mãe. Aquele tempo-espaco, entreato e universo entre a Primeira Guerra e a Segunda Grande Guerra Mundial desencadeada pelos criminosos em uniforme chefiados pelo demônio inferior Adolph Hitler.

Dessa época feliz, muitas viagens a Budapeste, a Zagreb, a Dubroniko. Cassinos e mais cassinos, pois o meu pai gostava de jogar e minha mãe, de dançar. Em 1929 nasceu minha irmã Susi, de quem, por causa do Holocausto, perdi totalmente o contato, só a encontrando pela primeira vez e a conhecendo no ano de 2004, por causa e através da internet e do meu site. Mas não vou precipitar os fatos. Essa parte que antecede meu nascimento será revisitada em conversas dramáticas e patéticas nos capítulos vindouros, nas conversas muitas vezes conflitantes e trágicas

entre o meu pai, minha mãe e meu padrasto durante o café-da-manhã, o almoço e o jantar! Tudo em alemão, aqui no Brasil, a minha redenção!

Apesar de meu pai ter afirmado, quando Adolph Hitler foi eleito chanceler, antes mesmo de criar o seu demoníaco Terceiro Reich: “Isso significa a guerra mundial novamente” — frase esta que, segundo minha mãe, foi recebida com gargalhadas de escárnio por parte dos amigos que o ouviam falar —, ele mesmo, meu pai, permaneceu em Viena com minha mãe até o derradeiro instante. Eles só pensaram em fugir em 1939, começando um périplo de viagem de fuga que durou meses e incluiu uma longa estadia na Itália fascista, onde meus pais foram abrigados e acolhidos pelo Vaticano, graças às relações de minha mãe, cujo sobrinho era membro do Vaticano, o famoso padre Illitch, criador do Centro de Estudo em Cuernavaca, no México, e um dos pioneiros da medicina alternativa, entre outras coisas, com quem travei conhecimento pessoal décadas mais tarde, quando eu ainda estava no exílio, num vôo entre Caracas e Nova York em 1968, e retornávamos de um simpósio cultural na Venezuela.

Minha irmã Susi havia sido mandada, por medida de segurança, para a Inglaterra meses antes, com a idade de doze anos, para ficar com a irmã do meu pai, a sua tia que já morava lá.

Durante a estadia no Vaticano, que era uma garantia de segurança de inviolabilidade, meu pai obteve um *affidavit*, isto é: permissão para imigrar para os Estados Unidos, já que, como ex-alto oficial condecorado da Áustria pré-nazista, havia ainda se filiado como agente da resistência judaica no exílio com sede em Washington, com missões e tarefas que, segundo irei narrar, executaria no Brasil, contribuindo com os esforços para que o governo de Getúlio Vargas deixasse sua neutralidade (que na verdade era uma postura em favor do Eixo nazi-fascista-nipônico)

em favor de uma participação ao lado e com os aliados contra aquele Eixo do Mal absoluto — coisa que enfim aconteceu, como todos nós sabemos. Mas o que importa é que meu pai estava muito traumatizado e, com temor de que os nazistas acabassem por não respeitar a inviolabilidade do Vaticano, trocou o seu passe de imigração para os Estados Unidos, porque ainda teria que esperar pelo menos seis meses para embarcar para os EUA, pelo passe de um outro judeu em fuga e que tinha um passe de imigração para o Brasil. Assim, ele foi com minha mãe para Portugal, e rapidamente embarcaram no famoso navio Serpa Pinta em direção ao Brasil.

A viagem foi tumultuada e minha mãe já estava grávida de mim. Durante a viagem, o navio Serpa Pinta parou em alto mar para recolher doentes e moribundos sobreviventes de um naufrágio provocado pelo torpedeamento de um outro navio por submarinos nazistas. Antes de desembarcar no porto do Rio de Janeiro, meu pai, que trazia consigo vultuosa quantia de dinheiro em dólares, foi roubado inteiramente por um outro refugiado judeu.

Eu nasci logo depois, no dia 17 de janeiro de 1941, às nove horas da noite, hora em que abria para o público o Cassino da Urca, onde meu pai e minha mãe, naquele mesmo dia, iam tentar a sorte na roleta.

Quase todos os parentes por parte de meu pai foram executados nos campos de concentração dos criminosos de uniforme nazista. Quase toda a família de minha mãe também foi executada, porque todos os meus tios, irmãos dela, lutaram na resistência antinazista da Iugoslávia de então, sob as ordens de Tito. E os nazistas em retirada de derrota ainda mataram meu avô e minha avó por parte materna, porque os dois velhinhos, antes da retirada dos nazistas de sua aldeia, hastearam a bandeira vermelha e

socialista da Iugoslávia libertada na janela da casa em que moravam, sendo mortos por rajadas de metralhadora pelos assassinos de uniforme em retirada, como último ato de vingança.

Eu fui educado nessas memórias, e essas memórias são a alma e carne viva da minha vida, desde a minha infância, até os dias de hoje, em direção à eternidade. Tudo o que escrevi, compus, falei e senti gira e girará em torno disso.



ANA E JORGE MAUTNER NA PENSÃO DA RUA CÂNDIDO MENDES